

“VENDREDI ou LES LIMBES DU PACIFIQUE”: MITO OU UMA UTOPIA POSSÍVEL?

Guacira Marcondes Machado
UNESP/ Araraquara

As utopias têm sido abundantes na História do pensamento social do Ocidente, sobretudo, depois da publicação da obra de Thomas Morus (1516), ponto de referência para as outras nas quais, como na primeira, apresenta-se um país – imaginário – e onde o povo vive feliz porque os valores morais e sociais respeitados estão bem distantes da realidade. É a visão de uma sociedade melhor, independentemente da chance dessa visão se realizar, porque utópico é, na verdade, aquele que busca os meios de curar o mal moral ou social, aquele que acredita que a humanidade pode recomeçar tudo desde o começo. Lembra Jerzi Szacki em *As Utopias ou a Felicidade Imaginada* que algumas utopias foram fantásticas em sua época mas passíveis de se realizarem depois, em outros tempos. Outras, foram ou são meras especulações intelectuais: "É o caso de homens que não quiseram transformar o mundo à força, mas tentaram criar ilhas do Novo Mundo que pelo seu exemplo agissem sobre as pessoas de boa vontade." (p. 15).

Compreende-se, assim, que cada época tenha produzido muitas utopias que "são respostas não somente a perguntas sobre a condição humana mas também a perguntas de sociedades históricas particulares". Fácil entender, então, que "não há utopia sem que haja alguma opção a fazer", isto é, não produziria utopia a sociedade cuja ordem social fosse percebida como ordem natural. Só a produziram "as sociedades em situação de crise e confusão, dúvida e incerteza." (p. 13)

Lembram os historiadores que o final do século XIX foi um desses momentos no Ocidente em que grande número de escritores apresentaram visões bastante pessimistas do futuro, embora outros, defensores encarniçados da idéia de Progresso, vissem chegar os sinais anunciadores de uma nova era "orgânica" baseada em um domínio racional do mundo. Os teóricos da Decadência lastimavam a perda irreparável dos valores tradicionais, a plenitude da existência cruelmente destruída pela racionalização do tempo e a uniformização das condições de vida e, mesmo, pelo aço, pelo cimento, pelos fios elétricos, as máquinas que invadiam a paisagem de uma sociedade desumanizada. Todos aqueles que se referiam ao novo século com temor traduziam "as inquietações de uma cultura assombrada pelo sentimento da decadência, do declínio da civilização, de um futuro ameaçador" (Traverso, p. 34).

Ora, no final do século XX, quando assistimos concomitantemente à chegada de um novo milênio, não se vê grande inquietação aparente. Lembra Traverso que após tantas revoluções fracassadas, utopias destruídas, esperanças interrompidas, os raros que ousam desenhar cenários de futuro são os "apologistas do presente", que acreditam que vivemos no melhor dos mundos, o que nos isenta de colocarmos nossas esperanças no futuro.

É possível que essa espécie de impassibilidade diante do futuro se explique por um certo anestesiar a que foi submetida a humanidade que viveu grandes catástrofes durante todo o transcorrer do século XX. A maior delas, a bomba de Hiroshima em agosto de 1945, como bem aponta Günther Anders (apud Traverso, 1997, p.35) colocou a humanidade em nova era, cinquenta e cinco anos antes de isso realmente acontecer. Desde então, ela tomou consciência de que é exterminável, o que tem sido corroborado pela mundialização, que condena à miséria, às epidemias, ao extermínio, pelas catástrofes ecológicas que ameaçam nosso equilíbrio natural, pelas guerras seguidas que são infindáveis crimes praticados contra a humanidade.

Percebe-se, então, que a utopia de uma sociedade livre, democrática e igualitária foi-se tornando gradativamente, durante o século XX, à medida que os grandes acontecimentos se precipitavam, uma "aposta melancólica", diz bem Daniel Bensaïd (apud Traverso, p. 35), que não vem mais armada de certezas, mas inteiramente consciente das ameaças que a cercam, assombrada por um sentimento agudo do perigo, das derrotas sofridas, dos desvios que não se soube evitar, do desastre sempre possível.

É nesse sentido que pensamos que a abordagem de uma obra como *Vendredi ou les Limbes du Pacifique*, de Michel Tournier, publicada em 1967, pode ser inserida dentro de uma reflexão sobre o *Fim das Utopias*, pois nela identificamos uma relação possível com as ameaças colocadas pelo século. Em outra de suas obras, *Le vent paralet*, o autor comenta que o foco de *Vendredi* se volta para a "destruição de cada traço da civilização subsistente em um homem sujeito à operação abrasiva de uma solidão humana". (apud Watt, 1997, p.259) M. Tournier reescreve, sob a influência da etnologia, o romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*. Trata-se realmente de uma reescritura, porque Tournier vê a história de Defoe como "puramente retrospectiva", uma tentativa de "restaurar, apenas com os poucos meios disponíveis, uma civilização perdida", enquanto ele quer ser ao mesmo tempo "inventivo e prospectivo", observa Ian Watt em *Mitos da individualidade moderna*, a partir dos comentários do autor em *Le vent paralet* (1997, p.259-260). Por outro lado, o autor francês escolhe seu herói pela sua modernidade: ele é um herói – que se torna mito – da solidão e este é, ainda hoje, diz ele, um problema bastante real, pois o homem "sofre cada vez mais na solidão, porque gosta do conforto e da liberdade" (apud Watt, 1997, p. 261).

Sua ilha lembra o mundo original. Aí, o tempo parece imóvel, pois o meio marinho não deixa sinais das estações e permanece na "eternidade". Acreditamos encontrar aqui a explicação para *limbes* do título que, segundo o dicionário Robert, significa "região mal definida, estado vago, incerto", o que pode estar remetendo àquele estado edênico, paradisíaco, em que o homem convivia pacificamente com a natureza, e responde à esperança de uma idade de ouro, a uma volta aos "tempos de antes", onde os homens viviam em harmonia. O leitor assiste ao encontro de duas civilizações: a de um inglês do final do século XVIII (Tournier muda de século) e a de um indígena do Chile; segue sua luta, sua fusão e, por fim, encontra o esboço de uma nova civilização que saíria dessa síntese.

Tendo em vista o fato de que cada época produz as suas utopias, diríamos que o romancista inglês dos séculos XVII e XVIII sem dúvida escreve a sua sobre uma determinada sociedade histórica, ao tentar reconstituir em sua ilha, a civilização que conhecera. Michel Tournier, ao contrário, constrói uma narrativa poética na qual, parece-nos, tenta responder às questões que são colocadas pela própria condição humana, no quadro contemporâneo da globalização e, por que não, da ameaça de extermínio a que o homem está constantemente exposto neste final de milênio. Por isso, com ele, Robinson se afasta definitivamente da civilização, preferindo seguir Vendredi em uma iniciação que o leva a regenerar-se em "um homem novo". Tournier coloca-se, assim, entre os autores de utopias que acreditam que a humanidade pode recomeçar tudo desde o começo, se necessário, que não aceitam o mundo que encontram, não se satisfazem com as possibilidades existentes e entregam-se, conseqüentemente, a o que se pode considerar uma especulação filosófica, intelectual.

Voltando à obra de Defoe, escrita em 1719, constatamos que ela é o resultado, o produto do surgimento de uma sociedade caracterizada pelo vasto complexo de fatores independentes denominado, mais tarde, individualismo. Lembra o mesmo Ian Watt, agora em *A Ascensão do Romance* que "as bases da nova ordem social e individualista surgiram após a Revolução Gloriosa de 1689, quando as classes comerciais e industriais conquistaram maior poder político e econômico." Watt acrescenta ainda que esse fato se refletiu na literatura "não só porque os leitores pertenciam agora a essas classes, mas, também, porque ela se voltava para o

comércio e para a indústria (1990, p. 55 e seg.). Assim, Robinson Crusoe, o herói de Defoe, é a personificação do individualismo econômico da Inglaterra nesse final do século XVII e início do século XVIII. Esse individualismo provoca o enfraquecimento das formas tradicionais de relacionamento de grupo – "a família, a guilda, a aldeia, o sentido da nacionalidade – bem como as reivindicações de realização e prazer individual não econômicos" (salvação espiritual, recreação) (1990, p. 58). O gênero romance surge, portanto, dessas múltiplas formas de individualismo que Defoe expressou de modo mais complexo do que qualquer escritor anterior.

Seu herói deixa a família e o lar para melhorar sua condição financeira e acaba ficando rico. Watt assinala como tudo nele fica obliterado pelo primado da vantagem econômica: as relações pessoais e grupais, sobretudo as baseadas em sexo. Para Max Weber, sendo o sexo "um dos fatores não racionais mais poderosos da vida humana, [...] é também uma das mais poderosas ameaças em potencial à busca racional de objetivos econômicos e, portanto, [...] passou a ser fortemente controlado na ideologia do capitalismo industrial" (p. 267).

Estabelecendo um paralelo entre as obras de Defoe e de Tournier, Gilles Deleuze evoca uma opinião comum sobre o tema de Robinson no autor inglês que "não era apenas uma história, mas sim 'o instrumento de uma busca': busca que parte da ilha deserta, e que pretende reconstituir as origens e a ordem rigorosa dos trabalhos e das conquistas que daí resultam com o passar do tempo". Ora, se por um lado, como assinala Deleuze, há aí uma perversão, uma deformação nessa busca, tendo em vista que "o mundo reproduzido a partir dessa origem é o equivalente do mundo *real*, isto é, econômico", por outro, para os fins da visão utópica, Defoe propõe a imagem de um mundo "tal qual seria, tal qual deveria ser se não houvesse a sexualidade" (Tournier, 1972, p. 258-259). Restaria indagar, com Deleuze: "Deve-se concluir disso tudo que a sexualidade é o único princípio fantástico (diríamos utópico) capaz de fazer desviar o mundo da ordem econômica rigorosa determinada pela origem?" (p. 259). No entanto, Watt tem argumentos que fazem do romance de Defoe uma utopia da sociedade ideal, já que, segundo o crítico, ele não se refere à vida econômica inglesa. O mesmo Watt lembra que Defoe "atrasa o relógio econômico e leva seu herói para um ambiente primitivo, onde pode apresentar o trabalho como algo diversificado e estimulante e mostrar que a grande diferença com relação ao operário que fabrica alfinetes está na equivalência absoluta entre esforço individual e recompensa individual." (1990, p. 66)

Em qualquer das duas visões, no entanto, constata-se que a intenção inicial de Defoe seria procurar responder à indagação: *o que acontece a um homem só, sem Outrem, em uma ilha deserta?* Ora, Michel Tournier responde diferentemente de Defoe a essa pergunta, pois seu Robinson acaba percorrendo outros caminhos para, finalmente, decidir não deixar a ilha. Nele, encontramos uma relação entre ficção, de um lado, e, de outro, especulação filosófico-teológica, a segunda alimentando a primeira, o que lhe permite criar uma espécie de contraponto poético à narrativa romanesca de Defoe.

Fato importante, em Tournier, as transformações sofridas por Robinson são inseparáveis dos estados sucessivos em que mergulha a ilha. Quando, após viver 28 anos nessa ilha que ele denominou inicialmente *Désolation*, rebatizando-a depois, significativamente, de *Speranza*, surge um navio e com ele a possibilidade de voltar à Inglaterra, Robinson conclui que "havia vencido a loucura em todos aqueles anos de solidão", "que alcançara um equilíbrio – ou uma série de equilíbrios – no qual *Speranza* e ele próprio, depois *Speranza*, *Vendredi* e *ele próprio* formavam uma constelação viável e mesmo supremamente feliz" (1972, p. 236). (Nós sublinhamos).

No início, logo que se viu sozinho na ilha, após o naufrágio do navio em que viajava, Robinson entregou-se ao desespero e buscou construir uma embarcação para tentar alcançar outra ilha que fosse povoada. Após um espaço de tempo que ele não se preocupou em cronometrar e diante da impossibilidade de colocá-la na água, por um erro de cálculo na sua construção, Robinson desespera-se, lembra-se do passado, tem alucinações e é tomado pela ideia de morte; mas acaba por reagir, movido pela leitura da Bíblia encontrada no navio.

Passadas algumas semanas em que explorou metodicamente seus espaços, servindo-se de tudo o que pôde trazer do navio naufragado, "reliquias da *comunidade humana da qual ele estava exilado*" (p. 43), Robinson decidiu que "uma nova era começava para ele – ou mais precisamente, era sua verdadeira vida na ilha que começava após os desfalecimentos de que se envergonhava e que se esforçava para esquecer". (p. 45) E, em suas leituras da Bíblia, tocado "pelo admirável paradoxo pelo qual a religião faz do desespero o pecado sem perdão e da esperança uma das três virtudes teológicas, decidiu que a partir daí a ilha se chamaria Speranza [...]" (p.45).

Tendo encontrado restos de cereais no *Virginie*, Robinson prepara o solo, faz o plantio, constrói um cercado para as cabras que encontrou na ilha, criando uma espécie de arrendamento: "*Como a humanidade de outrora, ele passara do estado da colheita e da caça para o da agricultura e da pecuária*" (47). (Nós sublinhamos). Nesta fase, quando a personagem de Tournier está ainda próxima da de Defoe, o ponto de referência é já a humanidade, da qual, desde o momento em que se viu só na ilha, não cessa de se considerar um verdadeiro órfão. O autor francês revela, como bem lembra Régnier Picard, que é levado a escrever sob a impulsão de um tema obsessivo, pleno de inquietações metafísicas e a história de Robinson forneceu-lhe a oportunidade para falar de um deles, a *solidão*: "O que acontece quando o espaço e o tempo se contraem em um ponto de evanescência que se converte em um ponto de imanência e de iminência?" (1991, p.87).

No diário de bordo por ele resgatado e que decidira continuar a escrever, Robinson anota suas impressões quando, feita a primeira colheita, decide nada consumir dela, semeadando uma parte dos grãos e estocando a outra como uma "reserva de segurança". É então, também, que revela sua preocupação com o tempo, que passara a marcar: "o que me veio, de repente, com uma evidência irresistível, foi a necessidade de lutar contra o tempo, isto é, de aprisionar o tempo. Na medida em que vivo dia a dia, deixo-me ir, o tempo escorre entre meus dedos, perco meu tempo, eu me perco." (p. 60) Daí a decisão de não consumir a primeira colheita. Comparando-se a seus compatriotas que vão para o Novo Mundo (Tournier faz sua história avançar um século em relação a Defoe), ele escreve: "Eles também devem dobrar-se à moral de acumulação. Para eles, também, perder tempo é um crime, entesourar tempo é a virtude cardeal. Entesourar! Eis que novamente sou lembrado da miséria de minha solidão. Para mim, está bem semear, está bem recolher. Mas o mal começa quando mão o grão e cozinho a massa, pois então trabalho só para mim. O colono americano pode, sem remorso, dar prosseguimento até o fim ao processo da panificação, pois ele *venderá* seu pão, e o dinheiro que amontoará em seu cofre será tempo e trabalho entesourados!" Robinson faz então o elogio do dinheiro, como verdadeiro filho da sociedade capitalista, comercial e industrial, irmão do herói de Defoe: "Eu meço hoje a loucura e a maldade daqueles que caluniam essa instituição divina: o dinheiro! O dinheiro espiritualiza tudo o que toca trazendo-lhe uma dimensão ao mesmo tempo racional – mensurável – e universal – visto que um bem negociado se torna virtualmente acessível a todos os homens. A venalidade é uma virtude cardeal. O homem venal sabe fazer calar seus instintos assassinos e sociais – sentimento da honra, amor-próprio, patriotismo, ambição política, fanatismo religioso, racismo – para deixar falar apenas sua propensão para a cooperação, seu gosto pelas trocas vantajosas, seu sentido da solidariedade humana. Devemos tomar ao pé da letra a expressão *idade de ouro*, e vejo muito bem que a sociedade chegaria a ela facilmente se fosse conduzida apenas por homens venais." (p. 62-63) Nesta primeira fase de sua transformação, o outrem ainda se faz presente pela memória.

Um dia, no entanto, a clepsidra que construía, fica inadvertidamente sem água e pára de marcar o tempo e Robinson sente que seu poder absoluto sobre a ilha, propiciado pela solidão, chegava mesmo ao controle do tempo! Ele podia suspender o vôo das horas ... Ora, essa pausa parecia estender-se por toda a ilha onde, "cessando de se inclinar umas em direção das outras, no sentido de seu uso – e de sua usura – as coisas recaídas cada uma de sua essên-

cia, faziam desabrochar todos os seus atributos, existiam por elas mesmas, ingenuamente, sem procurar outra justificação além de sua própria perfeição. " Durante a alegria que toma posse dele, Robinson "acreditou descobrir uma *outra ilha* por trás daquela onde ele sofria solitariamente desde há tanto tempo, mais fresca, mais quente, mais fraterna, e que ficava habitualmente oculta devido à mediocridade de suas preocupações." Aqui, lembramos a observação de Jean-Bernard Vray de que é de um modo perverso que os heróis de Tournier, instados por seu desejo, se põem à procura da verdade (1991, p. 63). É nesse momento, quando se desenvolve nele essa paixão estranha pelo descanso e pela sexualidade, que Robinson inicia sua transformação rumo ao novo homem. Ele compreende subitamente que pode romper o equilíbrio conquistado com tanto trabalho, sem por isso decair novamente no desespero inicial: "Era possível *mudar* sem decair [...] Indiscutivelmente ele acabava de subir um degrau na metamorfose que trabalhava o mais íntimo de seu ser. Mas era apenas um clarão passageiro. A larva pressentira, em um breve êxtase que ela voaria um dia. Embriagadora, mas passageira visão!" (1972, p. 94).

Com o passar do tempo, Speranza não é mais um domínio a ser administrado, "mas sim uma *pessoa*, de natureza indiscutivelmente feminina, *para a qual o inclinavam tanto suas especulações filosóficas quanto as novas necessidades de seu coração e de sua carne.*" (p. 101-102). (Nós sublinhamos). Robinson passa a explorar, então, as entranhas da gruta que destinara, inicialmente, para a guarda de tudo o que amealhara, do navio e das colheitas. Significativamente, ao fazê-lo, ele pára o funcionamento da clepsidra. Lá, encolhido como um óvulo na pedra mucosa ele representa a fecundação do embrião de um novo homem, resultado dos amores do Sol e da Terra, suspenso em uma eternidade feliz. Nas entranhas da terra "acolhedora e firme", ele sente, como se fosse o seio materno, um refúgio para seus terrores e seus sofrimentos. (p 108-109) Sentindo-se criança, ele conclui que "a gruta não lhe traz apenas o alicerce imperturbável sobre o qual poderá doravante assentar [sua] pobre vida. *Ela é uma volta em direção à inocência perdida que cada homem chora secretamente.* Ela reúne miraculosamente a paz das suaves trevas matriciais e a paz sepulcral, o aquém e o além da vida." (p.112). (Nós sublinhamos).

No entanto, a terra e o rebanho abandonados parecem culpá-lo de pretender ser uma criança quando é, na verdade, um homem na força da idade, devendo assim assumir virilmente seu destino. Pondo em perigo sua alma, sua vida, a integridade de Speranza, ele explorara o caminho da terra materna. Robinson decide não mais voltar à gruta e dedica-se novamente às plantações, mas seu diário atesta o encaminhar de uma meditação sobre a vida, a morte e o sexo que nada mais é do que o reflexo superficial de uma metamorfose de seu ser profundo. Ele tem consciência, agora, de que todas as transformações em que está envolvido decorrem de sua solidão: "eu construí, e continuo a construir, mas na verdade, a obra prossegue em dois planos diferentes e *em dois sentidos opostos.* Pois se, na superfície da ilha, dou prosseguimento à minha obra de civilização – culturas, pecuária, edifícios, administração, leis, etc. – copiada da sociedade humana, e, portanto de certa forma, *retrospectiva*, sinto-me *o teatro de uma evolução mais radical que substitui as ruínas que a solidão cria em mim por soluções originais, todas mais ou menos provisórias e hesitantes, mas que se parecem cada vez menos com o modelo humano de que tinham se originado.*" (Nós sublinhamos). E ele conclui, nesse momento, que "um Robinson cada vez mais *desumanizado* não poderá ser o governador e o arquiteto de uma cidadela cada vez mais *humanizada.*" (p. 116-117) O próprio Tournier, em *Le vent paraquet*, lembra que na ilha Speranza ocorria um "desvelamento das fundações do ser e da vida", o que exigia de Robinson a criação de "um novo mundo, de forma experimental, mediante ensaios, sons, descobertas, evidências e êxtases" (apud Watt, 1997, p. 259).

Aqui, gostaríamos de lembrar que, sem um outro, sem os papéis que ele assumiria ao olhar de um outro, Robinson torna-se máscara fixa, ridícula e inútil, sem personalidade. Como ele, a ilha torna-se brutal, imóvel, uma "coisa". Diz justamente sobre isso Deleuze: "quando nos queixamos da maldade de outrem, esquecemos essa outra maldade mais temível

ainda, a que teriam as coisas se não houvesse outrem." (p. 263) Sem a presença do outro, o mundo se torna impossível, o que explicaria os estados de loucura e de êxtase que Robinson experimentou. A existência de Vendredi o introduz em uma natureza transfigurada, que não é um duplo de Speranza, como bem afirma Pirard. (1991, p. 103) É uma terra nova que aparece com a presença de outrem/Vendredi, inaugurando a nova juventude, a nova vida de Robinson. Ora, essa dupla forma de existência do herói na ilha leva-nos a pensar, com Genette, que é "como se o ser humano, incapaz de permanecer ele próprio na solidão, só pudesse sobreviver imitando artificialmente a 'sociabilidade' e/ou voltando à animalidade." (Genette, p. 421).

Ainda uma vez, é possível traçar-se um paralelo entre as duas obras, desta vez remetendo-se às personagens e à história. Juntamente com Watt, percebe-se que com seu Vendredi, Tournier muda o tratamento colonialista que lhe dispensou Defoe, que via nele, segundo o autor francês, "um bicho, um ser desprovido de qualquer racionalidade, que teve de esperar por Robinson, ou seja, pelo homem ocidental, para dele receber as suas qualidades humanas" (1997, p.253). Ao contrário, Vendredi, que se torna a personagem que dá título à obra em Tournier, tem apenas quinze anos, é muito inteligente, e é quem acaba ensinando uma série de coisas a Robinson. Isso justificaria, acreditamos, que Tournier tenha modificado o caráter deste último, tornando-o emocional e interiormente mais rico, bem diferente do herói de Defoe, nada introspectivo, racional, prudente, organizado e que pouco evolui.

Quanto à história, Tournier, como Defoe, divide naturalmente sua narrativa em duas partes: nos primeiros seis capítulos do livro, Robinson vive sozinho as primeiras fases de sua transformação em um novo homem, nos outros seis, Vendredi vem fazer-lhe companhia. Mas, como se pôde perceber, diferentemente de Defoe, o autor francês dá uma estrutura temática mais complexa à segunda parte, subdividindo-a em duas fases: na primeira, Robinson tenta educar Vendredi; na segunda, ele converte-se em discípulo do selvagem. É por um descuido deste último que os restos de pólvora do *Virginie* estocados na gruta provocam uma enorme explosão que destrói tudo o que Robinson havia construído e guardado nos anos anteriores. Este "cataclisma", como é chamado no livro, rompe definitivamente os laços de Robinson com o passado e é o prelúdio da chegada de uma nova era, que ele ainda não sabe identificar, mas que se deverá a Vendredi: "Esse reino telúrico que lhe era odioso, seria substituído por uma ordem que lhe era própria, e que Robinson ardia de desejo de descobrir. Um novo Robinson debatia-se em uma velha pele e aceitava desde já deixar desmoronar a ilha administrada para penetrar, atrás de um iniciador irresponsável, em um caminho desconhecido." (1972, p 189) Depois do primeiro re-nascimento, no interior da gruta, Robinson conhece um outro, iniciático, que se deve a Vendredi. É um período em que ele permanece nos *limbes*, isto é, nessa região mal definida, nesse estado vago, incerto. Assim, "a liberdade de Vendredi – à qual Robinson começou a se iniciar nos dias seguintes – não era apenas a negação da ordem desaparecida da superfície da ilha pela explosão" (p. 190). Ao contrário, lembra bem Régnier Pirard, Vendredi conquistara sua liberdade, o seu toque nas coisas e nos seres era leve a ponto de *parecer* natural, de uma natureza domesticada e fiel.

Esse novo caminho vai conduzi-lo ao resultado final: Robinson torna-se elementar em sua ilha entregue ela própria aos elementos: um Robinson de sol em uma ilha que se tornou solar, uraniano em Uranus. Assim, o breve contato com os homens que chegam no navio e descem em Speranza desperta nele reflexões fundamentais para nossa leitura: "Nenhum desses homens, fechados em suas preocupações particulares, pensava em interrogá-lo sobre as peripécias que vivera desde seu naufrágio. Mesmo a presença de Vendredi não parecia suscitar nenhum problema aos seus olhos. E Robinson sabia que fora semelhante a eles, movido pelas mesmas causas – a cupidez, o orgulho, a violência –, que ele ainda era um deles em uma grande parte de si mesmo. Mas, ao mesmo tempo, ele os via com o despreendimento interessado de um entomologista inclinado sobre uma comunidade de insetos, abelhas ou formigas, [...]." (p. 238)

Indagando-se sobre a possibilidade de conseguir voltar a viver entre eles, Robinson percebia o que lhe era mais desagradável: não "tanto a brutalidade, o ódio, a rapacidade que aqueles homens civilizados e altamente honoráveis expunham com uma ingênua tranquilidade", porque imaginava que seria possível encontrar outros homens, em vez desses, que fossem suaves, benévolos e generosos. Mas "para Robinson, o mal era bem mais profundo. Ele o denunciava em seu íntimo na irremediável *relatividade* dos fins que via todos perseguirem febrilmente. Pois aquilo que todos almejavam era uma certa aquisição, aquela riqueza, aquela satisfação, mas por que essa aquisição, essa riqueza, essa satisfação? Certamente nenhum deles teria sabido dizê-lo". (p. 243). Em *Le vol du vampire*, o próprio Tournier pode nos ajudar a compreender este Robinson, que se fixa como um daqueles heróis que encontram "maneiras diferentes" de dizer "não", de "quebrar a ordem social". Este é um dos papéis dos mitos, segundo ele, "salvaguardar uma certa falta de adaptação do indivíduo à sociedade", "dar voz ao protesto do indivíduo contra a sociedade". Assim, "o mito não é um chamado à ordem, porém muito mais um apelo à desordem." E pode-se concluir com Watt que o Crusoe de Tournier "permanece na ilha porque, após ter conquistado a liberdade, aprendeu a recusar fidelidade à incurável mesquinhez da sua própria civilização [...]" (1997, p.262).

Robinson tinha consciência de que se seus compatriotas do *Whitebird* lhe tivessem perguntado pela razão de sua existência, ele lhes teria apontado Speranza e o sol, o que certamente teria provocado um grande riso por parte deles. Em sua sabedoria, Robinson compreendeu esse riso, pois refletiu: "como poderiam conceber que o Astro Maior é algo mais do que uma chama gigantesca, que há espírito nele e que tem o poder de irradiar com eternidade os seres que sabem se abrir para ele?" (p. 244). E para concluir, é preciso lembrar que esse Robinson, diz Pirard, "mesmo solar, não é imortal. Um dia, seu esqueleto deverá embranquecer sob as pedras de Speranza. Esse dia pode chegar, ele já não é essencial, pois uma luz que emana de Robinson tocou o grumete do *Whitebird* [que foge do navio e decide ficar em Speranza com ele]" (1991, p. 89): e "reflexos metálicos acenderam-se sobre a cabeça da criança" (1972, p. 254).

Finalizando, seria necessário mencionar ainda um fator importante na decisão de Robinson de assumir-se definitivamente como um novo homem e de permanecer na ilha. Trata-se da questão do tempo. Foi só quando o navio *Whitebird* chegou à ilha que Robinson tomou conhecimento de que ficara 28 anos em Speranza. A ausência de outrem havia permitido que ele escapasse ao passar do tempo, aos fatos da História: "se ele não tivesse naufragado nos recifes de Speranza, seria quase quinquagenário". Mas, "na verdade, ele era mais jovem hoje que o jovem piedoso e avaro que embarcara no *Virginie*. Pois não era jovem de uma juventude biológica, putrescível e carregando nela um impulso para a decrepitude. Ele era de uma juventude mineral, divina, solar. Cada manhã era para ele um primeiro começo, o começo absoluto da história do mundo. Sob o sol-deus, Speranza vibrava em um presente perpétuo, sem passado nem futuro. *Ele não ia se arrancar desse eterno instante, colocado em equilíbrio na extremidade de um paroxismo de perfeição, para cair em um mundo de usura, de pó e de ruínas.*" (p., 246) Por outro lado, diz Pirard que é preciso lembrar que esse Robinson, "mesmo solar, não é imortal. Um dia, seu esqueleto deverá embranquecer sob as pedras de Speranza. Esse dia pode chegar, ele já não é essencial, pois uma luz que emana de Robinson tocou o grumete do *Whitebird* [que foge do navio e decide ficar em Speranza com ele]" (1991, p. 89): e "reflexos metálicos acenderam-se sobre a cabeça da criança" (p. 254).

O aparecimento do grumete de *Whitebird*, a quem Robinson transmitirá, lembra Watt, "tudo aquilo que aprendeu com Vendredi [...] dá uma certa unidade temática ao romance", mas, "à semelhança do que ocorre em outras utopias", o modo como Tournier vê o futuro de sua personagem na ilha "pode ser uma fantasia muitíssimo improvável" (1997, p. 263). No entanto, gostaríamos de lembrar aqui um texto recentemente publicado em *O Estado de S.*

Paulo, do físico Steven Weinberg, que examina "as várias roupagens com que o pensamento utópico poderá exhibir-se no próximo século" (p. D8). Referindo-se à utopia verde, decorrente do fato de o mundo afastar-se do industrialismo para retornar a um estilo de vida simples, Weinberg cita o poeta e estadista checo Vaclav Havel que, num discurso feito em 04 de julho de 1994, na Filadélfia, afirmou que "não somos absolutamente apenas uma anomalia acidental ... somos misteriosamente ligados ao universo inteiro". Ele clamava por uma ciência nova na qual gostaria de incluir a hipótese Gaia, segundo a qual a Terra e as coisas vivas que ela sustenta formam um organismo vivo. (p. D9). Ora, a nosso ver, Tournier e seu Robinson podem também ser identificados com essa visão utópica contemporânea.

Nosso interesse por um Tournier utópico parece-nos, no entanto, que está justificado por ele próprio quando diz que toda nação necessita projetar seus sonhos em uma região longínqua. Por outro lado, lembramos novamente, em *As utopias da felicidade imaginada*, Jerzi Szacki afirma que, em última instância, toda utopia se define em relação a uma realidade histórica concreta cuja negação lhe dá origem, o que nos remete ao conceito de mito de Tournier. Em *Vendredi ou les Limbes du Pacifique* pudemos verificar, para além do mito, toda uma teoria, romanesca que seja, em torno da ausência de outrem. E nela, acreditamos que os sonhos de Tournier correspondem a uma utopia filosófica, intelectual deste fim de milênio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G. – "Michel Tournier et le monde sans autrui". Postface à *Vendredi ou les Limbes du Pacifique*. Paris: Gallimard, 1972. Coll. Folio.
- GENETTE, G. - *Palimpsestes*. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.
- . *Le Robert des Grands Écrivains de Langue Française*. Paris: Dictionnaire Le Robert, 2000.
- MORUS, T.- *A Utopia*. R. de Janeiro: Editora Tecnoprint Ltda, s/d. Col. Universidade.
- PIRARD, R. – "Au jeu du Père et de l'impair (paternité et couple). In: *Images et signes de Michel Tournier*. Paris: NRF Éditions Gallimard, p.87-112.
- SZACKI, J. - *As Utopidas ou a Felicidade Imaginada*. R. de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- TOURNIER, M. - *Vendredi ou les Limbes du Pacifique*. Paris: Gallimard, 1972. Coll. Folio.
- TRAVERSO, E. – "D'une fin de siècle à l'autre". In: *La Quinzaine Littéraire - L'An 2000*, nº 744, 1^{er} à 31 août 1998, p. 33 a 35.
- VRAY, J.-B.- "La question de l'origine". In: *Images et signes de Michel Tournier*. Paris: NRF Éditions Gallimard, p.57-76.
- WATT, I. - *A ascensão do romance*. S. Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- . *Mitos do individualismo moderno*. Trad. de Mario Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- WEBER, M. - *Le savant et le politique*. Paris: Plon, 1959.
- WEINBERG, ST. – "Cinco estilos de utopia despontam no horizonte". *Caderno 2/ Cultura, O Estado de S. Paulo*, 16 de janeiro de 2000, p. D8, 9, 10.